

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO VI — N.º 83

Rio de Janeiro, Outubro e Novembro de 1952

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.538



O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

(VER 2.ª PÁG.)

7.850.000 CRUZEIROS CUSTOU A FARRA EXISTENCIALISTA DE PARIS!

QUEM PAGOU O REGABOFE EM ÚLTIMA ANÁLISE FOI O TRABALHADOR BRASILEIRO

Quando aqui profligamos o Estado máquina opressora e incorrigível pun-guista, poderá isso parecer precon-ceito doutrinário e exagero anarquista. Els o porquê de nossa insistên-cia em repisar o assunto exposto, aos olhos e à consideração dos leitores, documentos do próprio Estado e afir-mações, impressas, de jornalistas bur-gueses ou serventuários categorizados do próprio governo.

No intervalo do nosso último nú-mero para o atual, não faltam exem-plos gritantes. E' só encadá-los e oferecê-los ao trabalhador distraído, para gozo e edificação sua.

Causou profundo escândalo a tal farra existencialista, em Paris, do costureiro Jacques Fath.

O pretexto da bamboceta, onde houve exhibições de arre-lá com ela, verdadeiro cinema só para homens, muita concinância, muita bebedeira e outras coisinhas mais, foi a propagan-da dos Tecidos brasileiros em França.

Todos perguntaram: Quanto custou o regabofe? Apurou-se logo: a quan-tiazinha de 7.850.000 cruzeiros qua-se 8 mil contos!

Quem pagou? quem não pagou? Averigou-se que o pagão foi um ex-ministro da fazenda com concessão de dólares pelo governo. Tudo veio minu-ciosamente contado pela *Tribuna da Imprensa*. Mostrou ela: a) que Assis Chateaubriand pediu essa verba à Su-perintendência da Moeda e Crédito; b) que o Conselho da Superintendên-cia, reunido no Ministério da Fazen-da sob a presidência do ministro Lá-fer, decidiu atender ao pedido do sr. Chateaubriand.

Assim, o inefável Assis Chateau-briand, de retumbante renome, com três passes mágicos, extorquiu da eco-nomia brasileira, tão falta de nume-rário para suas importações, a insig-nificante quantia de 8 mil contos para um regalório da alta. Não consta haver participado da excelsa pândea um só trabalhador brasileiro. Pi-cou tudo entre a granfinagem, seca por pagodeiras gratuitas... gratuitas é força de expressão... gratuitas para os patuscos do farrancho, mas bem caras para os trabalhadores, porque, repitamos sem cessar, no frígido dos ovos, o dinheiro limpo sai das costas suadas e dos calos dos únicos verda-deiros produtores.

O criminoso existe por função da criminalidade social. 70% são crimino-sos por eventualidade da própria vida, 30% consequências psíquicas. Sendo a organização social a criminadora, para que não mais haja seres criminaíveis, é preciso que se modifique o organismo social; sim, porque, no atual regime de sociedade, existem ainda duas cate-gorias de criminosos, o condenável e o não-condenável, perfeitamente reco-nhecidos, perseguidos aqueles, ampa-rados estes pelas leis, pelos poderes, pela justiça. Os primeiros estão sem-pre na esfera inferior, na mesma esfe-ra em que foram integrados os escravos; os segundos, só existem na esfe-ra superior e não se criminalam por-que têm o poder de tudo fazerem e de tudo possuírem. E' justamente na se-gunda esfera que estão os que fazem as leis, os que protegem e asseguram as leis; na primeira esfera, estão re-unidos todos os demais para os quais as leis foram feitas. Aquêles fazem as



As Religiões

Por AMILCAR

1. Nós todos sofremos e carre-gamos o peso das crendices, que a humanidade cultiva, há milha-res de anos ou talvez milhões.

Mais de perto, o que nossos pais e avós nos ensinaram quando éramos pequenos de corpo e de inte-ligência, fica para toda a nossa vida.

No nosso subconsciente, estão guardadas muitas coisas, muitas crenças, das quais nem nós des-confiamos. A nossa consciência, a nossa razão, os nossos estudos, nos fazem rejeitar muito do que nos ensinaram, do que aprende-mos. Estamos convencidos de que somos outros, totalmente renova-dos, diferentes dos nossos próxi-mos; mas, o menor echinho da nossa consciente vigilância, lá vêm à tona, todas aquelas histórias da "Carochinha" religiosa, que nos impingiram quando éramos crian-ças e nós guardamos mesmo sem querer. Este arraçoado vem a propósito, dos anarquistas espiri-tas. O anarquismo que aprendi é materialista, ateu, racionalista, anti-religioso. A associação anar-quista, como a compreendo e a desejo, não tem religião, nem padres, nem pastores, nem pagés, nem pais de santos. O espiritís-mo "científico", de que nos falam alguns espiritas, não passa de uma macumba enfeitada, estilizada. O mesmo que aconteceu ao samba, que desceu das fa-velas para teatros e salões de luxo, aconteceu ao condomble que veio das senzalas e terreiros de mor-ro, para entrar nos centros de espiritismo "científico". Civilizou-se; mas, o fundo é o mesmo: evocar, chamar, fazer falar, por intermédio dos médiums, os espí-ritos superiores ou inferiores e pedir-lhes proteção para os infe-lizes. Esses infelizes que tenham paciência, porque, em outras vi-das, outras incarnações, serão ricos e felizes. O conformismo de todas as religiões. Consolo dos

desgraçados. A vida é ruim; mas, no outro mundo, teremos vida melhor.

Os gigantes do pensamento nos mostram o UNIVERSO em dis-tâncias que se medem por mi-lhões de quilômetros. Os micros-cópios eletrônicos nos mostram os átomos. Não há nenhum apa-relho que nos mostre espíritos.

Que fazeis cientistas espiritas? — Porque não fazeis demonstra-ções que não deixem dúvidas? — Não podeis fazê-las. Em Deus e espíritos, acreditais. Crente, não discute, não indaga. Mais pro-cura, acreditar, reza e fica satis-feito. O crente tem medo de mor-rer; então, consola-se imaginan-do uma vida para além da mor-te, no espaço, no céu ou no in-ferno, com tanto que não morra.

Quem tem medo da morte ou da vida me parece que não pode ser anarquista. O anarquista pre-cisa lutar, lutar de rijo, com fir-meza. A luta dos anarquistas co-meça neles próprios. O anarquis-ta precisa, primeiro, vencer a educação que recebeu e os pró-prios preconceitos.

Em seguida, vem a luta com a família que não é anarquista. Essa luta é constante, diária, de todas as horas. Muitos têm sido vencidos. Da família passa-mos à SOCIEDADE, o conjunto, a pátria e a humanidade. Mon-tados nisso tudo, os governantes, com todas as suas forças arma-das e as guerras. Contra tudo isso, precisamos lutar, ou deixar de ser anarquistas. Com tanto trabalho neste mundo, ainda nos vamos preocupar com o mundo dos espíritos? Não! Não é possí-vel!

Lembremo-nos da INTERNA-CIONAL que, felizmente, os co-munistas abandonaram. Messias, Deus, Chefes supremos — Nada esperemos de nenhum — Sejam-nos quem conquistemos — A ter-ra mãe livre e comum.

O SR. MINISTRO DO TRABALHO E O DESVIO DO FUNDO SINDICAL

O ministro do Trabalho deitou fa-lação à imprensa ao regressar de Ge-nebra e outros passeios. Segundo ele, nossa legislação trabalhista é a me-lhor do mundo e o mundo se vai cur-vando ante o Brasil, copiando-lhe tais leis. Basta isso, para provar que não presta... para o trabalhador. Real-mente, não nos consta esteja este na-dando em mar de rosas. Se a situa-ção dele, admitamos a hipótese, é me-lhor que a dos seus irmãos da Euro-pa, deve-se tal melhora a não haver-mos sofrido diretamente os horrores da guerra, a sermos país novo, em fran-co desenvolvimento. Igual ou melhor situação tinha ele no Brasil antes de Getúlio, com a diferença profunda de que, antes, era livre em seus sindi-catos e geria seu próprio dinheiro. Hoje, não tem voz ativa e seus have-res são administrados pelo governo.

Sucedo, porém, que o próprio sr. ministro faz declarações pitorescas. Transcrevemos, do *Diário de Notícias* de 20 de agosto, o seguinte: "Solici-tado a falar sobre os inquéritos que se vêm processando no Ministério do Trabalho, revelou que a Comissão in-cumbida de apurar a aplicação que tem sido dada ao fundo sindical ter-minou a primeira parte de seus tra-balhos concluindo que cerca de cem atos irregulares foram cometidos, en-tre os quais, empréstimos a pessoas às vezes desconhecidas e entidades, no valor de 26 milhões de cruzeiros, dos

quais nem um centavo, sequer foi amortizado. Reportou-se ao já conhe-cido caso dos 8 milhões da Confedera-ção Nacional dos Trabalhadores na Indústria e salientou que, entre tu-do, a criminosa malversação do fundo sindical sobe a, aproximadamente, 60 milhões de cruzeiros".

Isso é o que o ministro declara. O que não declara ou não sabe não vem a lume. O que também se ignora re-dondamente é se tem sido castigado algum dos larápios, muitos deles pre-sos com a boca na botija.

O que nós anarquistas, sabemos, pro-clamamos e prevemos é, precisamente, que a abundância do queijo multipli-ca os ratos. Ainda mais, se o queijo sobra, os primeiros a fartarem-se são os gatos, deixando depois livre a ra-taria.

E como não ser assim se o principal gato, o gatarão, o gatazo maior de todos é o próprio governo? Com efei-to, sua dívida para com o fundo sin-dical ascende a 8 bilhões de cruzeiros, sejam 8 milhões de contos!!!

Ora o que afirmamos, certos, certís-simos, de certeza plena, é isto: no dia em que entrarem esses bilhões (dos trabalhadores! note-se) para o fun-do sindical (8 milhões de contos!!!) a rataria crescerá de tal modo, que os roubos se farão às escancaras, sem Tribunal de Contas que possa impe-dir a invasão ou a evasão!

OS TRABALHADORES SEMPRE ROUBADOS

A propósito dessa dívida astronô-mica do Estado mentiroso e caloteiro, é importante transcrever aqui, do mes-mo *Diário de Notícias*, o seguinte tó-pico multíssimo expressivo:

Cogita-se de estudar o problema da dívida do governo da União para com as instituições de previdência social. Enquanto os empregadores contribuem mensalmente com as suas quotas, ha-bituou-se o governo a calotear essas autarquias — e seu débito, hoje, ascen-de a mais de oito bilhões de cruzei-ros. A fórmula em estudos, entretan-to, é a de uma emissão de apólices, alvitre que, se poderá proporcionar uma regularização de escrita provei-tosa para o devedor, constituirá para os credores um mau negócio, entupin-do-lhes as casas-fortes com títulos des-valorizados, quando o de que os insti-tutos precisam é de dinheiro para o cumprimento das suas obrigações para com os respectivos segurados.

Vem a pêlo lembrar que não se li-mita o governo a fugir ao pagamento das suas contribuições. Em informa-ção prestada à Câmara dos Depu-tados, há um ano, pelo Conselho Atua-rial de Previdência, este órgão técni-co assegurava que, de modo geral, os institutos e caixas de aposentadoria e pensões, em consequência de desvio de seus fundos para aplicações estranhas às suas finalidades legais, tinham as suas rendas desfalçadas em cerca de 150 milhões de cruzeiros anualmente. Da relação então organizada, constam as parcelas do capital assim em-pregado somando mais de um bilhão de cruzeiros.

Releva notar que esses esclarecimen-tos foram fornecidos para, documen-tando a situação precária das finan-ças das autarquias, aconselhar a Câ-mara a rejeitar um projeto que cui-dava de limitar a 6% os juros dos em-préstimos imobiliários feitos pelas mes-

mas aos seus contribuintes e de dila-tar para 30 anos o prazo dessas ope-rações...

Quem sabe mais o que se passa nes-sas instituições, algumas das quais sob inquéritos determinados por denún-cias de escândalos?

Fala-se, freqüentemente, num vas-to, num imenso plano de reforma da Previdência Social; mas, outra reforma se torna, antes, imprescindível: a dos nossos costumes administrativos. Teo-ricamente expostas nas conferências internacionais, as nossas instituições de assistência são maravilhosas; na prática, porém, é o próprio governo o primeiro a solapá-las, dilapidando-lhes os patrimônios em detrimento dos di-reitos e das necessidades dos traba-lhadores.

Leiam e releiam isso os trabalha-dores e pasmem do que fazem com seu dinheiro. Mais de um bilhão de cru-zeiros (um milhão de contos) desvia-dos do fundo sindical para aplicações estranhas. Isso, entretanto, é o di-nheiro desviado. Há, porém, o dinhei-ro do trabalhador gasto, esbanjado legalmente, o dinheiro pago ao gran-de, enorme número de funcionários que vivem burocraticamente com a função de gerirem esse dinheiro dos trabalhadores. Nos Industriários, essa verba orça, ao que nos informam, por 50 mil contos. Seria muito curioso historiar os aumentos secretos e as manobras ocultas para arredon-dar ordenados e distribuir comissões rendosas.

Tudo isso porque os trabalhadores entregaram estupidamente seus sin-dicatos ao Ministério do Trabalho e se sujeitaram às leis trabalhistas, me-lhor, leis fascistas que outros governos estão invejando ou imitando para escravizar seus trabalhadores sob a ficção da democracia trabalhista!!!

NO MUNDO DO CRIME

Por PELORIANO MAIA

leis em defesa contra os da primeira e, daí, compreenderem que as mesmas não devem atingir os seus próprios criadores e mantenedores, mesmo por-que, para eles existe outra espécie de vida e de direitos.

Segundo o conceito corrente, Demo-cracia é o governo da maioria, porém, como não pode a própria maioria ser governo, determinam os homens das leis que deve ela outorgar o governo a uma minoria para que a governe com igualdade. Surge então o primeiro slogan democrático: TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI. Isto é, a lei é a minoria que governa e todos os demais são iguais perante ela, mas,

ela minoria não é igual aos demais, porque é a própria lei. E assim se convence e se suborna a maioria...

Não há muito, li num livro publi-cado num diário carioca sob o título — "Iguals perante a Lei..." e o Te-mente" o seguinte conceito verdadei-ramente comprovador do que aqui es-clareço. Dizia o artigo: "As pessoas mais qualificadas são tratadas em pé de igualdade com os homens do povo, ou seja, a sôcos e safanões". Vemos aí que "aos sôcos e safanões" é o tra-tamento devido aos homens do povo (os da primeira esfera) e não aos "mais qualificados" (que são os da segunda esfera). Prossegue o artigo: "Essa

prática (a dos sôcos e safanões), de certo modo, não deixa de ser uma for-ma de democracia. Todos são iguais perante a Lei..." e perante o Tenente Gregório — ministros, operários, depu-tados e vereadores de rua. E' a demo-cracia de "escolacho". Esse artigo protestava, exclusivamente contra a atitude do Tte. Gregório por tomar em pé de igualdade ministros, depu-tados, jornalistas e oficiais, confundin-do-os com os réprobos "homens do povo". Ai está: a própria Imprensa não quer ficar com a maioria com o povo. Está cheia de jornalistas e repórteres que preferem uma vida de capacho, ou

quase de escarradeira, contanto que se possa sentir na segunda esfera.

A Imprensa está dirigindo a opinião pública para o cadafalso, confortando ainda o sentenciado sem atinar que, nessa marcha, ela mesma tem a sua própria execução marcada, adiada às vezes, porém certa.

Tratamos dos criminosos "conde-náveis" para defendê-los, já que a própria Imprensa os condena implacá-velmente, e o que é pior, os explora e aniquila moralmente, visando ape-nas a "féria" do dia. Ainda o mesmo diário, publicou, dias após, uma entre-vista com o Delegado de Roubos e Falsificações, na qual afirma aquele técnico: "Diversos fatores de ordem material, moral e social, têm contribuí-do para abarrotar o Presídio da cida-de. "Afirma, ainda, ser um dos fa-tores o estado de confusão social, de que enferma o mundo atual, cuja "situa-ção econômica, em que se debate a (Continua na 2.ª pág.)



ÉLISÉE RECLUS FALA AOS JOVENS

Queridos camaradas:

Temos, em geral, o costume de exagerar tanto nossa força quanto nossa debilidade; assim, durante épocas revolucionárias, nos parece que o menor de nossos atos deva ter consequências incalculáveis e, ao contrário, em certo marasmo, toda a nossa vida, ainda que consagrada inteiramente ao trabalho, nos parece infecunda e inútil.

Que devemos fazer então para mantermo-nos em estado de vigor intelectual, de atividade moral e de fé no bom combate?

Dirigi-vos a mim, porque supondes que tenho experiência dos homens e das coisas.

Pois bem, em minha qualidade de ancião, me dirijo aos jovens para dizer-lhes:

Fora as querelas e personalismos. Escutai os argumentos contrários depois de haver expostos os vossos; sabe calar e refletir; não procureis ter razão em detrimento de vossa sinceridade.

Estudai com discernimento e perseverança. O entusiasmo e a abnegação, ainda que até a morte, não são o único meio de servir a causa. É fácil dar a vida; nem sempre fácil conduzirmo-nos de modo que nossa vida sirva de exemplo. O revolucionário consciente não é somente homem de sentimento, é também homem de raciocínio, cujos esforços totais em procura de maior justiça e solidariedade se apoiam sobre conhecimentos exatos e sintéticos de história, sociologia, biologia. É o que pode, por assim dizer, incorporar suas idéias pessoais ao conjunto genérico das ciências humanas e enfrentar a luta sustentada pela imensa força que esgotará em seus conhecimentos.

Evitai as classificações; acima de partidos e pátrias, de proclamar-vos russo, polaco ou eslavo, sede homens ávidos de conhecer a verdade, despojados de todo pensamento de interesse, de toda idéia de especulação ante chineses, africanos ou europeus; o patriota chega a detestar o estrangeiro, a perder o sentimento de justiça que alimenta seu mais puro entusiasmo.

Não vos atreleis a patrão, chefe ou apóstolo cuja linguagem seja considerada palavra do Evangelho; fugi dos ídolos e não busqueis mais que a verdade de quanto diga o amigo mais querido ou do professor mais sábio. Se, escutando-o, conservais alguma dúvida, buscai em vossa consciência e recomeçai o exame para julgar em última instância.

Refugai, pois, toda autoridade, para cingir-vos ao respeito profundo de uma convicção sincera; vivei a própria vida, porém reconhecei a cada um inteira liberdade de viver a própria.

Se vos lançais à luta para vos sacrificardes em defesa dos humilhados e ofendidos, em boa hora, companheiros, afrontai nobremente a morte. Se preferis o lento e paciente trabalho ansiando por melhor porvir, melhor ainda, convertei-vos no objeto de cada um dos instantes de vida generosa. Porém, se escolheis a pobreza entre os pobres, em completa solidariedade com os que sofrem, que vossa existência irradie a clareza benfiteira, no exemplo perfeito e no fecundo ensinamento.

Saúde, camaradas.

RESPOSTA A UMA OBJEÇÃO

Recebemos do sr. J. D. de S. uma carta elogiosa e simpática onde se formula uma objeção. Diz ele: "É possível uma nação, perto de totalmente analfabeta, constituir-se em sociedade organizada?". E o missivista acrescenta ser necessário, antes de tudo, tratar da alfabetização das massas, para que os indivíduos compreendam seus direitos e deveres na sociedade.

Essa objeção é velha e reeditada por quantos supõem ser o anarquismo possível somente daqui a uns dois mil anos quando cada pessoa for educadíssima e de todo consciente, puríssima e altruista.

Ora, o que o anarquismo tem demonstrado é que as massas jamais poderão ser sistematicamente educadas em regime capitalista, em regime estatal e, ainda que o fossem, o Estado não permitiria qualquer instauração de um regime negador e aniquilador da propriedade particular. Esperar que as massas se apurem e purifiquem num sistema social alicerçado no egoísmo feroz da luta pela vida é sonhar com diabos angelicais e lobos criando e defendendo carneiros. Os donos da terra, das máquinas, das riquezas precisam de escravos, de massas incapazes de compreenderem onde se acha a fonte de sua miséria. Essas massas, assim, têm vivido sob o tutela da milícia, da nobreza, dos ricos e dos pa-

dres, todos eles apostados em mantê-las na sujeição mais dura pelas armas e pelas mentiras sistematizadas e infiltradas na escola oficial e na igreja.

Demais, essa alfabetização é conversa mole para boi dormir. Os socialistas reformistas apelavam para ela. Entretanto a alfabetizada Suíça continua no mesmo regimezinho cofofo, sem melhorar alguma. A alfabetizada Alemanha rapidamente passou, de país da social-democracia, para o mais reles totalitarismo de um paranoico furioso. A alfabetização adiantada não conseguiu deter Hitler.

Que uma densa massa analfabeta pode compreender muito melhor que uma assembleia de sábios o problema social, cuja base é essencialmente econômica, temos nós no movimento anárquico levado a cabo por Nestor Makhno na Ucrânia ao tempo da revolução russa de 1917. Com alguma propaganda pela ação direta, isto é, doutrinando e praticando imediatamente o anarquismo, conseguiu Makhno a adesão de toda a massa camponesa analfabeta da Ucrânia, num total de 20 milhões de pessoas.

Isso porque o problema social para o explorado é muito mais sensível que para o explorador. Se dizemos aos trabalhadores explorados: "Vocês vivem na miséria porque os seus patrões e o governo, com o nome de Es-

tado, não lhes entregam o fruto do trabalho de vocês todos. Vocês fazem ricos prédios e moram em barracos. Vocês tecem bilhões de metros das mais variadas fazendas e vestem o pior ou não têm que vestir. Vocês plantam trigo, cereais, cana de açúcar, frutas e legumes, criam gado e, quando querem comer, têm de ir comprar aos exploradores aquilo que vocês mesmos produziram. Para acabar com a miséria basta fazer uma coisa: não trabalhem mais para esses exploradores, nem os vão defender com as armas que vocês mesmos fabricaram. A maior insensatez do mundo é vocês fabricarem armas contra vocês mesmos e ainda obedecerem às ordens dos seus roubadores prendendo outros trabalhadores e metendo-os em prisões que vocês mesmos construíram".

Essa fala foi a de Makhno seguida logo de execução. Os camponeses, vendo que essa é a verdade nua e crua, expulsaram de suas aldeias e cidades, tudo quanto era autoridade. Extinguiram o Estado e passaram a plantar trigo nas terras dos proprietários; porém, não mais para os proprietários, senão para eles mesmos. O resultado foi a maior colheita jamais vista e abundância sem par.

Os sábios e os sábidos esses jamais compreenderiam Makhno. Os sábidos já sabemos quais são. Os de sempre, os de cima!

NO MUNDO DO CRIME

(Continuação da 1.ª página)

massa popular", é precária e asfixiante. No entanto, ao apontar medidas para o caso, diz: "a necessidade dos poderes públicos ou melhor, da ação governamental no sentido de propiciar melhores e mais amplos meios de recolhimento, adaptação e internação dos criminosos nas diversas fases da sua ação delitosa". Não quer, em absoluto, remédio para os males materiais, morais e sociais, mas antes, a dilatação dos meios indigentes, ou seja, uma cadeia de escolas ou facilidades para a formação dos delinquentes, vítimas do emaranhado social. Eles as cursarão, nas diversas fases do seu desenvolvimento criminal.

Em outra oportunidade, o mesmo diário entrevistou o Comissário de Repressão ao Meretrício, que confessou francamente: "Está provado ser impossível extinguir a prostituição...". Com isso, afirmou o Sr. Comissário, ser a prostituição uma consequência do regime da sociedade atual, e, só extinguindo este, desaparecerá aquela. Disse ainda aquele homem do direito que a centralização de tais mulheres em zona própria resguardaria a moral pública, e termina — "Para se corrigir essa anomalia o ideal seria encontrar-se um dispositivo legal que conceda poderes à autoridade de interná-las compulsoriamente em estabelecimentos hospitalares e adequados ao seu tratamento. É assim que se vão agravando os problemas e multiplicando as causas e efeitos. Jamais cogitamos (embora saibamos) da solução do mal que atinge a comunidade com a aniquilação do indivíduo.

Há desajustados e marginais porque existem injustiças, mal estar social, exploração e má fé dos mais esclarecidos. O fenômeno do crime é um fenômeno social, mesmo os que são atribuídos a fatores de natureza psicológica ou hereditária. A extensão e alto expoente dos fatos estão demonstrando categoricamente que a VERDADE deve ser buscada em causas sociais, tendo-se em conta os fatores de natureza econômica, cujo desequilíbrio é cada vez mais acentuado. O pauperismo e a miséria das massas está contribuindo para avolumar a maré, sempre crescente, dessas enormidades, numa sociedade em putrefação.

Pelos dados organizados pelo Diretor da Assistência Policial, para o 1.º semestre do corrente ano, sobre o contingente de mendigos, menores abandonados, loucos, criminosos e desajustados (vítimas da decomposição social) podemos ter uma noção do meio gangrenado em que vivemos. Vejamos: loucos 545, fetos 39, suicidas e acidentados 1.628, menores abandonados 3.411, mendigos 3.241, ladrões e assas-

sinos 25.952, diversos 51. Total 34.877. Isso fornecido por apenas uma repartição em 6 meses! (Publicidade no Jornal "O Mundo").

E as favelas? não falemos hoje nessa lepra social; será tema suficiente para um artigo substancioso.

Aprovando e ratificando tudo isso está a Justiça que contradiz a própria opinião pública, incentivando o crime, criando prosélitos. Crimes, os mais degradantes e de conhecimento do povo, são truncados pelos homens do direito na fúria de conquistarem notas meritórias para sua carreira profissional e de arrancar de seu constituinte, mais alguns contos de réis. Noutros, recebem inocentes o castigo de crimes não praticados, ao passo que muitos ficam impunes, nada lhes acontecendo. Um mesmo advogado "homem da Justiça e do Direito", por questões financeiras e não de Justiça ou Direito, acusa um réu reconhecidamente inculcado ou passivo no crime por cumplicidade; noutro questão, procura safar o criminoso publicamente reconhecido. Walter Rosa, Olga Suely e Saopá são exemplos que ferem a sensibilidade humana. Muitas vezes descobrem-se erros judiciários como foi o caso recente de Minas Gerais, em que o morto reapareceu 14 anos após seu assassinio tendo seus matadores sofrido condenação da Justiça, chegando um deles, pois a condenação abrangeu a dor, a morrer em consequência de maus tratos policiais, segundo divulgou a Imprensa. E eu pergunto: — não terá havido crime por esse erro de que resultou a morte de um homem e aniquilamento de outro? Quais os verdadeiros criminosos? os condenados pela Justiça, ou os condenados da Justiça?!

Essa é a pureza da humana sociedade! Dela são filhos diletos todos os crimes.

Analisemos agora os casos de aborto que na Imprensa alcançaram grande número. Praticam-no as "curiosas" e os meretrícios cirurgiosos (por felicidade não são todos). Estes praticam-no nas ricas donzelas e honestas ou vaidosas mães; as curiosas, praticam-no nas infelizes vítimas da miséria e da degradação que não podem pagar aos cirurgiosos. Ainda assim, o índice da mortalidade é espantosamente maior entre os casais pobres que entre os casais ricos. Porque somente deverão dar filhos à Pátria aquelas que não podem criá-los? enquanto as que possuem e monopolizam os meios de riqueza sabotam o "patriotismo" de dar filhos à Pátria? As mães pobres, não esclarecidas pelos conhecimentos científicos da anti-concepção e privadas de meios econômicos para o sustento

dos filhos, recorrem às "fazedoras de anjos" ou abandonam e matam o fruto de suas entranhas após o parto, as mães ricas, possuidoras de conhecimentos básicos da ciência sexual, principalmente da anti-concepção, dispoem de todos os meios econômicos para a manutenção dos filhos, matam o fruto de seu amor, o rebento de suas entranhas, no ato da concepção, ou quando não, matam-no ainda em vida fetal recorrendo a especialistas cirurgiões. Aquelas são criminosas e estas não?

Então, aquelas que podem criar os filhos e educá-los recusam-se a tê-los para "grandeza da Pátria", deixando para as sofredoras e necessitadas mães pobres, esse compromisso inadmissível com o seu meio de vida! constrangendo-as a criar aqueles seres para a escravidão humana, a servidão social, para o sofrimento e para a miséria...

Dentro do regime estatal da propriedade privada, o fato é bem explicado. Os ricos não precisam nem podem necessitar de tantos herdeiros, já que são usufruidores, em potencial, do BEM ESTAR SOCIAL e das riquezas produzidas, entre eles disputadas ao passo que os pobres têm de manter, sempre em maior quantidade, os braços que irão produzir o BEM ESTAR daqueles para cuja riqueza trabalham, pelo que, têm então, o direito de viverem no mesmo meio mas nunca a mesma vida, com os mesmos direitos daqueles.

Esse é o mecanismo do regime estatal da propriedade privada que se mantém da exploração do homem pelo homem, da miséria de uns para o BEM ESTAR DE ALGUNS. São males sociais que a TRADIÇÃO dos COSTUMES dos povos legaram às atuais CIVILIZAÇÕES. Sempre houve tais males e continuará havendo enquanto existir o ESTADO, o regime de PROPRIEDADE PRIVADA, AUTORIDADE, etc.

O regime ESTATAL que é o sistema social vigente, é criminoso e o CRIME, uma consequência inevitável e crescente desse regime escabroso. Eis porque pugnamos pelo sistema social ANARQUICO. Razões temos de sobra para lutar em prol desse sistema salutar. Muito cômodo para nós e bastante fácil seria acomodarmo-nos no banquete criminoso dos usurpadores sociais que o regime atual mantém, mas nossa dignidade de ser racional e os nossos mais dignos sentimentos de humanidade deixariam de existir em nós, tornar-nos-íamos iguais aos outros e assim, preferimos continuar dignos de uma consciência verdadeiramente humana. Ser criminoso e criminado é uma posição do regime atual.

O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

Por RUDOLF ROCKER

II

ESPECIAL PARA "AÇÃO DIRETA"

TRADUÇÃO DIRETA DO ALEMÃO POR D. BRITO

indústria. Quando a industrialização ali se consolidou definitivamente, tinha a Inglaterra uma população de cerca de 10 milhões, a qual se eleva hoje a 40 milhões de habitantes. Em face dessa correlação inteiramente desproporcional entre agricultura e indústria, ao rebentar a Segunda Guerra Mundial, dentre 3 ingleses, 1 tinha de ser alimentado com gêneros importados do exterior. Se as estatísticas punham a Grã-Bretanha, até ali, no quarto lugar, em relação às condições de vida dos diferentes povos da terra, devia-se essa posição exclusivamente às suas colônias. Mas o nível de vida do povo inglês tem decaído sucessivamente desde a Segunda Guerra Mundial e a ostensiva bancarrota da economia imperialista vai-se agravando hoje no mais difícil problema da nação.

A Alemanha, que assomou à posição de primeiro estado industrial europeu após a unificação de seu Império, possuía meios de exportar consideráveis quantidades de cereais e outros gêneros, antes do surto industrial. Com o crescimento de sua indústria, todavia, perdeu ela a sua capacidade para isso e viu-se mesmo obrigada, mais tarde, a importar gêneros alimentícios, enquanto houvesse a produtividade de sua agricultura crescido consideravelmente. O rápido crescimento de sua população e a circunstância de que vultosas porções de sua produção agrícola houvessem de atender, não à alimentação do povo, mas a fins industriais, contribuíram sobremaneira para essa completa transformação de sua posição econômica em geral.

Em todos os países industriais da Europa levou essa desigual relação entre agricultura e indústria a resultados semelhantes. A única exceção foi a França, porque lá a repartição agro-fabril houvera tomado formas mais normais, principalmente devido ao

haver permanecido ela, até agora, como o único país que soube colocar seu índice demográfico em relação razoável com o rendimento de sua produção industrial e agrícola.

Se a França não houvesse sido obrigada a entrar na desmiolada corrida armamentista que agitou a Europa inteira, após a fundação do Império Alemão; não houvesse ela tido de, como outras nações européias, esbanjar necessariamente somas espantosas da receita nacional na manutenção de seu exército e de sua frota, e mil outras coisas imediatamente ligadas à ordem social vigente, haveria ela podido, indubitavelmente, baseada em suas condições naturais de vida, desenvolver-se em país mais opulento da Europa.

A guerra de 1870-71, duas Guerras Mundiais, e toda uma série de lutas coloniais, todavia, não só abalaram profundamente essa possibilidade, mas conduziram também o progresso social do país por tais derrotares que só se podem transformar numa calamidade para ela própria e para todas as mais nações européias.

A raiz do mal não é a indústria como tal, mas a correlação errônea em que a puseram perante a agricultura. Essa má relação só pôde tomar vulto por se haver atribuído ao processo de industrialização um significado que ele não tinha nem jamais poderia ter. Vimo-nos diante de um novo fato, que deixava antever momentos insuspeitos para o futuro, mas que, talvez por isso mesmo, foi radicalmente omitido.

Que assim foi, demonstra-se precisamente hoje de modo cada vez mais claro, e é uma prova da assombrosa força com que podem influir, sobre a conformação de épocas sociais inteiras, idéias preconcebidas, estribadas, no melhor dos casos, em suposições, e cuja retidão somente através da experiência prática deve ser verificada.

Não são as relações econômicas que determinam nosso pensamento se bem que seja inegável o levar cada transformação econômica a novas conformações do pensamento: é a interpretação que o intelecto humano dá aos acontecimentos econômicos que, afinal, influir, de modo mais contundente, sobre a conformação da vida social.

Os acontecimentos de duas guerras mundiais e seus desastrosos resultados para as totais relações econômicas fazem-nos ver, hoje, que a interpretação dada ao processo de industrialização se erigia sobre areia, pois introduziu, na correlação entre agricultura e indústria, proporções que não podem ter mais solução de continuidade.

(Continua na pág. 3)

A indústria pode, através da produção de melhores instrumentos e métodos de trabalho, e da confecção de fertilizadores químicos e extensos sistemas de canais artificiais de irrigação, fazer aumentar consideravelmente a produtividade agrícola, conquanto seja outra questão essa de aumentar a produção alimentar, proporcionalmente ao surto demográfico, o que se transforma, dia a dia, num dos maiores problemas de nosso tempo.

Houve uma época em que seriamente se acreditava ser a produtividade da terra inesgotável. Isso era compreensível, de vez que, quando a Revolução Industrial traçava seu caminho, os países europeus estavam ainda relativamente pouco povoados, ao passo que a terra dispunha de vastos territórios ainda inexplorados.

Desde então, o panorama mudou radicalmente. A moderna literatura do assunto, nestes últimos quarenta ou cinquenta anos, nos demonstra, de modo cada vez mais claro, que a crença na inesgotabilidade da terra não passava de sonho como tantos outros, os quais se festejavam como leis econômicas inabaláveis.

Mesmo os poucos que haviam entrevisto mais cedo a importância do influxo do povoamento progressivo no desenvolvimento econômico, como alguns dos cérebros mais eminentes da escola fisiocrata, na França e na Inglaterra, e também um punhado de renomados precursores do socialismo moderno, quais o inglês Robert Wallace (1753) e o irlandês William Thompson (1824), estavam convencidos de que longo tempo deveria decorrer antes de que se pudesse falar de um verdadeiro superpovoamento. William Godwin era mesmo da opinião de que, somente dentro de alguns milênios, se poderia contar com o povoamento completo da terra pelos homens, ponto de vista esse que, na sua época, era também aceito por muitos economistas.

Só que esse processo se desenvolveu num lapso muito mais rápido do que se podia prever. Dois séculos bastaram para perfazer o que então se relegava para milênios. De 1840 a 1940, o número de homens sobre a terra aumentou de 1.000.000.000 para 2.200.000.000; fêz-se, assim, no decorrer de um só século, mais que duplicar.

Em todos os países europeus atingidos pela industrialização, a produtividade da agricultura, em proporção ao povoamento crescente, diminuiu, apesar de haverem as suas possibilidades de rendimento aumentado progressivamente mercê dos melhoramentos introduzidos pela indústria nos campos de cultura.

A Grã-Bretanha sacrificou a maior parte de sua agricultura à

O Amor e a Vida

Por CLARA LUZ

A psique humana é muito complexa. A criança e o adolescente são, jogados na sociedade completamente indefesos, sofrem influências, as mais diversas, de todos os meios, sofrem abalos e choques emocionais, por vezes adquirem neuroses e reflexos, criam conceitos falsos da vida e de tudo. Depois, são necessários outros muitos anos para que o indivíduo vá percebendo a falsidade dos valores que apreendeu e se vá libertando dos preconceitos que adquiriu. Dentre estes talvez os mais prejudiciais sejam os que dizem respeito ao amor.

Em torno do amor, a humanidade criou uma tragédia e as consequências disso têm sido tremendas.

Fator capital na vida do indivíduo, tornou-se assunto pornográfico quando não é sancionado pela sociedade ou então "amor enjaulado" como diz Rafael Barret, quando leva a chancela do juiz.

E a natureza, frustrada na sua integral satisfação, reage violentamente tornando os indivíduos amargurados, insatisfeitos, por vezes assassinos ou neuróticos.

Não me quero referir somente à necessidade física, pois esta, mal ou bem, sempre é atendida. Quero-me referir justamente a essa harmonia que deve existir entre o amor físico e a sensibilidade emotiva sem a qual a união dos sexos não proporciona nenhum prazer espiritual e se torna muitas vezes até suplicio. Quero-me referir ainda ao amor espiritual, conjunto de afeto, compreensão, simpatias mútuas que devem ligar as duas criaturas e é importantíssimo para a humanidade, mas que só pode perdurar quando é dado livre e espontaneamente e não pode ser exigido em nome da lei.

Nesse caso, o amor dado espontaneamente, livre dos preconceitos e dos grilhões como que liberta o indivíduo dum grande potencial de energias físicas e emocionais e ele se sente mais equilibrado, mais senhor de si, ganha grande serenidade, torna-se mais compreensivo e mais humano.

Porém, raros são os indivíduos que possuem compreensão exata do que representa o amor na vida. Muitos homens, por exemplo, imaginam que basta aplacar as exigências do sexo e se unem a criaturas com as quais não poderão nunca entrar em har-

monia. Outros procuram algo elevado, mas, convencidos da superioridade masculina, relegam a mulher a segundo plano, negando-lhe igualdade e liberdade, condições essenciais para que persista o amor. Ou ainda, tornam-se ciumentos, exclusivistas, não podem admitir que a mulher possua outros interesses alheios à sua pessoa, e transformam a vida em comum em amarguras e desesperos.

E há ainda o amor próprio, de que estão demasiado inchados homens e mulheres, e que lhes impede totalmente amar com desprendimento, ser tolerantes e compreensivos, procurando cada um deles satisfazer apenas a sua vaidade. E a tragédia dos homens que por motivos econômicos não podem possuir uma companheira e vivem sem amor? E a das mulheres, que, por algum motivo, não se casaram e, sem coragem de romper com os preconceitos, vivem vida estéril?

E há os pervertidos sexuais, os sádicos, os masoquistas, sem falar da prostituição, a maior vergonha humana. Tudo isso consequência de uma educação estúpida numa sociedade onde, apesar de todas as conquistas da ciência e da técnica, o homem progride moralmente a passo de tartaruga e possui ainda os hábitos e crenças de séculos atrás.

Quando todos os indivíduos tiverem consciência da importância do amor na vida e puderem amar livremente, sem ciúmes, sem exigências, sem exclusivismo, procurando dar muito mais do que receber, liberando, enfim, todo o potencial de carinho, afeto e simpatia que o homem possui, estou certa, a humanidade será mais sã, mais serena, mais forte.

COLÉGIO DO AR
RÁDIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
AULAS DE PORTUGUES
ministradas pelo nosso companheiro Prof. José Otília.
Horário: 2.ª e 6.ª feiras às 8 horas. 3.ª e 6.ª feiras das 19 às 19,30 horas

UM MÁRTIR DA PEDAGOGIA REVOLUCIONÁRIA

No fatídico Castelo de Montjuich, que, já em fins do século passado, fora transformado pela reação borbônica em antro de tortura para exterminar covardemente os homens que lutavam pela liberdade, foi fuzilado, na madrugada do dia 13 de outubro de 1909, o grande mártir do livre pensamento, Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna.

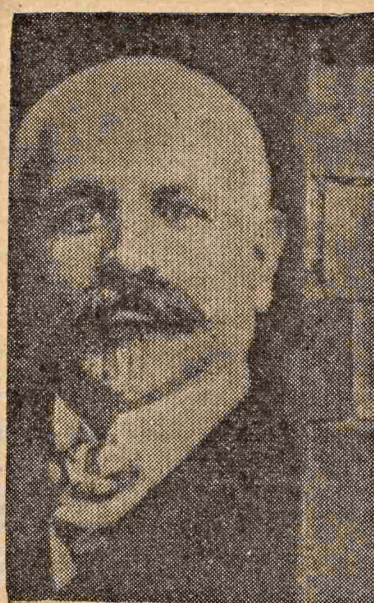
Afonso XIII e seus ministros, Antônio Maura e Juan Lacerda, aliados ao clericalismo reacionário, tramaram esse crime abominável para exterminar o homem que tivera a audácia de combater o obscurantismo, fundando escolas laicas afim de educar a juventude com métodos científicos e racionais.

Ferrer estava condenado à morte desde maio de 1906, quando Mateo Morral, que fora discípulo do grande mestre, num gesto de revolta contra os crimes que diariamente eram cometidos pelos esbirros de Afonso XIII, atentou contra a vida do monarca, atirando uma bomba sobre o carro que o conduzia à Igreja para o seu casamento com a princesa Vitória de Battenberg.

Pretenderam, naquela época, complicar Ferrer no atentado, só porque Morral fora seu discípulo na Escola Moderna, o que não foi possível por absoluta falta de provas; porém, os assassinos aguardaram outra oportunidade para levarem a cabo a sua infâmia.

Essa oportunidade surgiu em 1909 com a chamada — Semana Trágica de Barcelona — quando o povo da grande cidade, indignado com o sacrifício da juventude, que, sob o pretexto de civilizar Marrocos, perdia a vida nas terras africanas, exigia do governo a imediata terminação da guerra.

Milhares de jovens espanhóis haviam sucumbido no desastre do — Barranco del Lobo — exterminados pelos marroquinos, que, num gesto de legítima defesa, os queriam expulsar do seu território e, quando o governo de Afonso XIII ordenou o embarque de novas tropas para a África, em sinal de protesto, foi de-



clarada em Barcelona a Greve Geral Revolucionária, greve essa que assumiu o caráter de verdadeira revolta popular.

E essa luta titânica contra os sicários da monarquia durou uma semana inteira sendo construídas barricadas em todos os bairros da cidade para resistir à força pública, que atacava com fúria, empregando a própria artilharia, e o povo, apesar do seu heroísmo, foi vencido pelo inimigo já que, infelizmente, o movimento não foi secundado pelas demais regiões da Espanha.

Então Maura e Lacerda, com beneplácito de Afonso XIII, ordenaram a prisão de Ferrer y Guardia, submetendo-o a processo militar, sob a inculpação de que era o instigador da revolta popular contra a guerra.

De nada serviram as provas apresentadas pelo seu defensor, o capitão Galceran, que demonstrou, de forma veemente e inflexível, a inocência do grande mestre, pois o tribunal militar que o julgou decretou o seu fuzilamento.

E, na madrugada trágica do dia 13 de outubro de 1909, nos fossos do fatídico Castelo de Montjuich, o pelotão de execução cortava a existência do homem que havia de passar à história como o grande mártir do livre-pensamento.

E, momentos antes de morrer, Ferrer y Guardia escrevia a um dos seus amigos estas palavras sublimes, que ainda hoje são, para os homens de espírito livre, verdadeiro símbolo.

“ Não choreis a minha morte, não dediqueis em glorificar os que morrem um tempo que necessitam para educar e orientar os que vivem ”.

Matando Ferrer, Afonso XIII e o clericalismo espanhol não conseguiram o seu objetivo, que era destruir a Escola Moderna; pelo contrário, a morte do seu fundador, provocando intensa emoção e revolta em todo o mundo, consolidou a sua grandiosa obra, como castigo supremo aos assassinos.

LITERATURA SOCIAL

Anatomia da Paz, Emery Reyes	20,00
Idéias Absolutistas no Socialismo, Rudolf Rucker	15,00
Eu creio na humanidade, Ferreira da Silva	20,00
A doutrina Anarquista ao alcance de todos, José Otília	18,00
Pocréiação Racional, Marie C. Stopes	20,00
Em Espanhol:	
Estampas del Exilio em América, J. Peirats	25,00
La crisis del socialismo, J. García Pradas	12,00
Romancero de la Libertad, Gregorio Olivan	13,00
Na Revolucion y el Estado, García Pradas	17,00
Páginas Selectas, Multatuli	10,00
Antologia de Pensamentos, Gonzales Pradas	10,00

Pedidos à Livraria Minerva, rua Cristóvão Colombo, 16 — Porto Alegre Rio Grande do Sul

Atende-se pelo Reembolso Postal

UM HERÓI ANÔNIMO

o Velho Esteves Morreu

Por MANUEL PERES

Recordo-me de que, em 1923, num dos jornais libertários de Andaluzia, eu escrevi uma crônica que tinha o seguinte título — El Militante Anônimo — e na qual tomando como exemplo um velho lutador da Construção Civil, que, embora carente de instrução e de dotes oratórios para propagar publicamente nossas idéias, lutava sem descanso e com verdadeira heroísmo pela organização e pelo anarquismo, eu terminava com a seguinte afirmação.

— O militante anônimo, esse herói desconhecido, que não sobe à tribuna nem escreve nas páginas dos nossos jornais mas que ama profundamente a liberdade e por ela está sempre disposto a sacrificar a vida, é o baluarte mais sólido em nossa luta pela emancipação humana.

Manuel Esteves, o querido companheiro que deixou de existir na madrugada do dia 25 de agosto último, num modesto leito do hospital da Santa Casa da Misericórdia, pertencia a essa legião de abnegados lutadores, verdadeiros pioneiros na construção de um mundo de justiça e de liberdade.

Era incansável o velho Esteves na propaganda do anarquismo.

mo, lamentando sempre que a sua instrução, algo medíocre, não lhe permitisse expor, na tribuna e na imprensa, os seus pensamentos e as suas idéias de liberdade.

Todos os domingos, quando eu respondia à correspondência da semana, o amigo Esteves vinha fazer a visita semanal, visita esta que ele aproveitava para discutir os nossos problemas e, antes de sair, eu lhe entregava os jornais recebidos do exterior, que ele, mesmo doente e aquebrado, ia levar a um companheiro que mora nas proximidades da Praça da Bandeira.

Quando saía “Ação Direta”, ele comprava 5 exemplares que distribuí gratuitamente no café que frequentava e no qual sustentava verdadeiras polémicas, combatendo o fascismo e o comunismo de Stálin, para fazer uma defesa entusiasta do ideal anarquista.

Um dia apareceu em casa com um pacote de livros e cadernos

escolares debaixo do braço e, ao perguntar-lhe eu que ia fazer com aquela bagagem literária, respondeu o seguinte:

— “Os meus pais, como acontece à maioria dos pais pobres de Portugal e do mundo, não puderam dar-me instrução quando era pequeno, porque infelizmente, nas pequenas povoações, sobravam tabernas e faltavam escolas e, se algo sei, apenas ler e escrever, e as 4 operações fundamentais, devo isso ao meu esforço, porém isto é pouco, e embora velho, para aprender algo mais, estou frequentando o Liceu Literário Português —”

O tempo passou e, meses depois, o velho Esteves chegou-me a casa uma noite muito comovido, para contar-me que o Diretor do Liceu, após a leitura dos resultados do exame, no qual Esteves obtivera nota excelente, lhe ofereceu um prêmio pronunciando um discurso, no qual, de-

póis de felicitá-lo pela sua conduta, o apresentava aos jovens como um modelo de dedicação que devia servir-lhes de exemplo. Uma grave operação, que culminou na perda de um dos rins, abalou profundamente a sua saúde, porém, um mês depois, já algo reposto, voltou ao trabalho e mesmo trôpego, apoiado numa bengala, ele continuou a sua luta habitual e a sua propaganda pelo ideal e pela liberdade.

Cada mês entregava invariavelmente 20,00 para “Ação Direta”, 20,00 para auxiliar os companheiros da Espanha, e 10 para a “União Anarquista, e o seu concurso jamais faltou quando era necessário auxiliar algum amigo em situação difícil. — Esse era o Velho Esteves —

No dia 22 de agosto, notando a sua falta de uma semana, fui procurá-lo em seu domicílio e um vizinho afirmou que ele saira pela manhã para ver se conseguia ser internado no hospital, já que o seu estado se agravava.

ra. Depois de várias andanças, consegui descobri-lo na enfermaria número 18 da Santa Casa da Misericórdia.

No domingo, dia 24, fui visitá-lo e, ao ralhá-lo por não ter avisado os amigos, respondeu calmamente — Para que incomodar os outros? — depois notei que umas lágrimas acudiram aos seus olhos, comovido talvez ao ver que não era esquecido.

Quando voltei para visitá-lo na quinta-feira, dia 28 de agosto, encontrei o leito vazio e, ao notar a minha surpresa, o vizinho do leito 22 exclamou com algo de pena — “O seu amigo morreu como um passarinho na madrugada de segunda-feira. Diz o médico que foi um colapso cardíaco —”

Pobre Esteves! — Admirável companheiro! Deixaste nos meios libertários uma estirpe de saúde, um sentimento de tristeza pelo inesperado da tua morte.

Os velhos amigos não te esquecerão e estamos certos de que os jovens, os que iniciam a marcha pela estrada enigmática, que há de conduzir-nos à conquista da liberdade, vão prestar-te a maior das homenagens, que é seguir o teu exemplo lutando sem descanso pelo triunfo do anarquismo.

O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

(Continuação da 2.ª página)

Até mesmo no Japão, único país asiático que se veio a transformar em verdadeiro estado industrial, a industrialização unilateral só serviu para precipitar as coisas, pois o pequeno império insular, hoje abrigado de 80 milhões, dela só poderia vir a tirar vantagem quando se pudesse realizar o sonho de suas castas dominantes: erguer tal império colonial sobre as ilhas do Pacífico, que pudesse aprovisionar (às custas de outros povos, como acontece em toda a economia imperialista) um nível de vida medianamente bom para o seu povo. Até o rebanhar da Segunda Guerra Mundial, alcançava o padrão de vida do povo japonês um quarto do do americano. Releva observar nisso, que os números estatísticos aqui levantados para a China, a Índia e o Japão, se reportam a 1942. Com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e o caos por ela causado no Continente Asiático, o nível de vida daqueles povos decaiu ainda mais, como foi o caso de todos os países europeus envolvidos na luta.

Se países como os Estados Unidos, o Canadá, a Nova Zelândia, a Argentina e a Austrália podem hoje gabar-se de um nível de vida relativamente alto, deve-se isso não somente à circunstância de contarem todas essas nações com gigantescas áreas territoriais, cuja densidade demográfica é muito inferior à da maior parte dos países europeus, o que, naturalmente, só pode advir em favor de sua agricultura. Mas, mesmo isso só se poderá sustentar à larga, se não sobrevier uma nova catástrofe política, que atire pela borda todas as suposições previsíveis. Mas, até nesses países se manifesta uma crescente esterilidade do solo, motivada pelos processos errôneos de cultura e pelo desgaste da terra, o que já se faz ver com bastante clareza. Para quem quiser ser melhor informado a esse respeito, aí está, à disposição, uma literatura bem completa (*).

Estamos hoje ante o início de uma nova época histórica, a qual perará uma revolução mais significativa que aquela determinada pela Revolução Industrial. Duas catástrofes mundiais de inesperadas proporções colocaram-nos ante problemas que são os mesmos para todos os povos, e que devem ser solucionados se não se quiser que todas as conquistas da civilização humana vão para o diabo.

Não há de ser aquela uma revolução de barricadas, mas de um novo começo, para o qual será necessário, sobretudo, bom-senso e conhecimento claro da situação em que nos enredamos por culpa própria. O que nos falta hoje, em primeiro lugar, é a libertação da tirania de conceitos dogmáticos e dos tediosos conselhos que hoje se remetem aos homens através dos porta-vozes de propaganda dos partidos políticos, obscurecendo-lhes a compreensão.

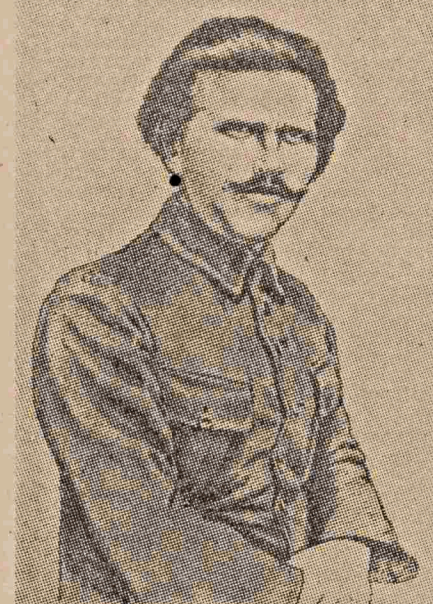
O incessante declínio da economia imperialista e sua influência na nossa conformação econômica futura, já proporcionou um período do qual decorreu uma situação que não pode ser mais renovada. Defrontam-nos novos problemas que não podem ser solucionados, nem por uma política de força, nem por uma nova guerra; nem por uma desenfreada economia de lucro, nem pela ditadura totalitária, e, muito menos, pela cegueira nacionalista, que põe à frente de todos os motivos aquilo que somente serve para nos separar e nunca para nos unir. Um progresso mais largo nesse perigoso sendeiro só pode alastrar o mal de modo imensurável e, facilmente, levar-nos a um estado de coisas em que seja impossível toda salvação.

Um novo começo é necessário, afim de criar uma nova correlação entre indústria e agricultura, e, sobretudo, uma nova inter-relação entre o problema demográfico e as possibilidades de produção. Mesmo as mais belas perspectivas de uma possível sociedade aperfeiçoada, no futuro, não nos pode ajudar aqui, enquanto faltarem as bases necessárias para sua realização. Pois tudo o que o Socialismo pode alcançar é uma eliminação da economia de lucro e uma partilha justa para todos do produto do trabalho humano. Para isso, entretanto, faz falta as condições prévias necessárias, as quais devemos nós mesmos criar.

Os sinais de fogo na parede são bastante claros; mas depende dos próprios homens a interpretação que lhes possam dar. Dessa interpretação depende, entretanto, todo o nosso porvir.

(*) Mencionemos aqui somente alguns dos excelentes trabalhos sobre a matéria, como *Deserts on the March* de Paul B. Sears (1935); *Soil conservation* de H. H. Bennett (1939); *The Soils that Support Us*, de Charles E. Kellogg (1941); *Afrigue, Terre qui meurt* de Jean-Paul Harroy (1944) e o substancioso livro *Road to Survival* de William Vogt, no qual se carrega, em pequena massa, grande material, dando à mente sobras de elementos para reflexão.

FIGURAS DO ANARQUISMO



NESTOR MAKHNO

Nasceu em 27 de outubro de 1889, em Gulai-Pole, aldeia da Ucrânia (Rússia). Filho de camponeses paupérrimos. Tinha apenas dois meses quando seu pai morreu deixando-o a ele e mais quatro irmãos aos cuidados de sua pobre mãe. Aos sete anos, devido à miséria extrema da família, serve como pequeno pastor, guardando vacas e cabras dos camponeses. Aos oito anos, freqüenta a escola no inverno e trabalha como pastor no verão. A seguir, trabalha numa fazenda de camponeses ricos (kulaks). Já nessa época, aos 15 anos, professa tremendo desprezo aos patrões exploradores, porém não tem concepção social definida.

Ouvindo anarquistas, entra no movimento de 1905. Cheio de entusiasmo, desenvolve grande atividade, tomando parte nos mais perigosos atos da luta libertária.

Preso, em 1907, pelas autoridades czaristas, é condenado à forca. Por ser

menor de 19 anos, teve a pena comutada para trabalhos forçados e cadeia perpétua.

Mostrando grande força de vontade e perseverança aprende gramática, estudo matemática, literatura, história da cultura e economia política.

Por sua conduta rebelde diante das autoridades penitenciárias, fica, os nove anos de reclusão, a ferros. Contrai tuberculose pulmonar e finalmente é libertado pela revolução dos regimentos anarquistas.

Volta a Gulai-Pole, organiza as vastas massas camponesas e a comuna livre.

Em junho de 1918, encontra-se com Lênin em Moscou e discute acerbamente. Aceita certos conselhos de Kropótkin e retorna a sua vila natal.

Forma um colossal exército camponês que, em poucas semanas, se torna o terror da burguesia e das autoridades austro-alemãs.

A rapidez das mudanças de lugares era a tática particular de Makhno. As autoridades se aterrorizam. Envia vários batalhões para esmagá-lo. Tudo em vão! Excepcionais cavaleiros, desde a infância, faziam, em 24 horas, marchas totalmente impossíveis para tropas de cavalaria comum. Contavam, também, com o apoio decidido da população camponesa, que fornecia alimentos, abrigos e até armas e munições. Isto custava aos bravos camponeses perseguições, detenções e fuzilamentos em massa pelas tropas da reação.

Não somente organizador e guia militar notável, mas também grande agitador, Makhno se multiplicava infatigavelmente nos infindáveis comícios.

Lutou desesperadamente contra o hetman da Ucrânia, contra Gregorief, Petliura, Denikin, Wrangel e, finalmente, traído o seu exército por Trotsky, teve de fugir, embora com tifo. Entrou na Polónia onde foi preso, processado e libertado após vários anos, por falta de provas. Emigrou para a França e aí viveu doente. Morreu tuberculoso no dia 28 de julho de 1934.

Seu extraordinário movimento tem para o anarquismo, o grande valor de haver provado a possibilidade de instaurar-se a sociedade anárquica imediatamente, sem necessidade de Estado intermediário. Ensina mais o processo de destruir o Estado.

MOVIMENTO LIBERTÁRIO MUNDIAL

Informe fornecido pela C.R.I.A. COREIA

Em outubro de 1945, terminada a guerra, uma centena de anarquistas se reuniram na pequena vila de AN-I na província de KENG-SANG-NANDO. Este lugar histórico, pois há 20 anos o movimento anarquista aí foi organizado, serviu de marco para o início de uma série de atividades.

Fundou-se a União de Camponeses e um colégio. O movimento bastante dinâmico prosperou rapidamente influenciando as províncias vizinhas. Mais tarde lutaram contra o invasor comunista impedindo que ocupassem a localidade. Ultimamente o companheiro HA-KILAK (professor de filosofia na Universidade de Tegu) fundou o colégio de AN-I onde se instruem infindáveis de camponeses. Em Tegu existe, há mais de vinte anos, a Federação Fraternal fundada pelo companheiro SIN-YEEMO.

Atualmente o centro de atividade do movimento está em Tegu. A Universidade Noturna de Tegu é uma famosa instituição anarquista, frequentada por 400 alunos. A Federação dos Jovens Operários e Camponeses possui, no centro da cidade, uma casa gigantesca e propagam o anarquismo no seio da juventude. Na cidade de JEENJO-SI o movimento é muito importante. Em MASAN-SI, os companheiros KIM HEENGYUN e KIM JU-HONG editam diariamente um periódico puramente anarquista. Em PUSAN trabalham os companheiros HONG e JO como redatores do Diário do Povo.

O QUARTO CAMINHO

O semanário "Comício", em seu número 18, refere que o escritor italiano, Alberto Moravia, não conseguiu o visto necessário para ir aos Estados Unidos. E comenta: "Alberto Moravia é atualmente o escritor mais proibido do mundo: em 1950, a U. R. S. S. lhe negou visto como enviado especial do jornal italiano "Corriere della Sera"; em 1952 seus livros foram postos no "índice" pelo Santo Ofício. Assim, em dois anos, o triângulo do mundo moderno (catolicismo, comunismo soviético e capitalismo) expulsou o romanista Moravia do seu convívio. Seu caso não é único. Como ele, há muita gente que não se dá bem com essas três forças. Deve restar um quarto caminho".

Comentamos agora nós, de "Ação Direta". Sim, existe de fato um quarto caminho, o Anarquismo. É o caminho dos que não aceitam nem o catolicismo de Franco, nem o pseudocomunismo de Stalin, nem o capitalismo de Truman. É o caminho dos que almejam um mundo onde o fanatismo, a tirania e a desigualdade cedam lugar à tolerância, à liberdade e à justiça social. É o caminho, enfim, dos que, não querendo enfiar parados, por medo ou indecisão! Não é fácil nem livre de perigos tal caminho. Antes, desespero e pleno de emboscadas. Que importa, porém, se dele vislumbramos a aurora radiosa da Anarquia? Sigamo-lo, pois, ó rebeldes de todo o mundo! Sigamo-lo, ó explorados de todas as profissões! Sigamo-lo, ó vítimas de todas as tiranias!

SINDICATOS ASSALTADOS PELA POLÍCIA FASCISTA

Por VARLIN

Principiemos pela época em que os sindicatos tinham liberdade de ação embora essa liberdade estivesse um tanto condicionada nos chamados regimes democráticos ou monárquicos. Era sem dúvida melhor época, porque mais ou menos livremente se reuniam os nossos companheiros dos quais hoje poucos vivem. Nas suas reuniões planeavam greves que, embora com sacrifício da própria vida, alguma coisa conseguiram. Os trabalhadores sempre tiveram poderosa força, mas perderam algumas conquistas pelo fracionamento das mesmas, talvez manobrados, até certo ponto, por companheiros pouco firmes, aos quais o patronato e a polícia especial dos governantes conseguiram iludir. Outros, talvez por ambição de ser chefes, deste ou daquele cargo, coisa impossível em anarquia. Foi, a meu ver, essa a principal razão que levou Karl Marx a discordar dos princípios anarco-sindicalistas. Não se juntou a Benoit Malon, grande propagador socialista, porque viu a impossibilidade de ser chefe. Resolveu, então traçar o seu socialismo e criou a "Associação Internacional Operária" em 1864. Miguel Bakúin, por essa época, cria a aliança "Internacional Democrática Socialista". Várias foram as lutas por desinteligências entre Bakúin e Marx. Vejamos a diferença dos dois sindicatos. Enquanto Miguel Bakúin criava o sindicalismo anárquico, que pretendia a destruição do Estado e procurava substituí-lo pelos sindicatos, transformados em verdadeiros reguladores da vida humana, com Marx acontecia o contrário. O sindicalismo dentro do socialismo por ele traçado, pretendia apoderar-se dos meios de produção para os entregar ao Estado, como suprema organização da vida pública; portanto, organismo do Estado. Assim foram correndo os anos e os sindicatos foram aumentando o número de associados. Foi também na metade do século passado que surgiu a "Primeira Internacional dos Trabalhadores". O primeiro impulso foi dado pelos trabalhadores franceses, suíços e belgas, que tinham estudado as doutrinas de Proudhon. Também a Espanha chegaram emissários de Bakúin que logo empreenderam luta contra o Estado e propagaram a criação de sindicatos. Daí passou a Portugal a introdução de idéias da velha internacional. Aparece então um grupo de socialistas dos quais faz parte José Fontana, aos quais se juntou Vieira da Silva, operário gráfico que, pouco depois, cria a "Associação dos Operários". O brado de "alerta" foi crescendo e o número de operários conscientes aumentou consideravelmente até a revolução de 1917 na Rússia. Gigantesca foi a luta contra o capital; o Estado era auxiliado pela reação internacional. As forças operárias internacionais deram todo o apoio e sucederam-se inúmeras greves para não ser abastecido o governo. Ainda em período de revolução, os bolchevistas foram assumindo todos os cargos de autoridade que, segundo os seus princípios, não cabia aos anarquistas (grande mal). Daí foi que surgiu a vitória dos bolchevistas. E, para os nossos companheiros, prisões e assassinatos sem conta. Os nossos companheiros lançaram notável manifesto publicado na imprensa anarco-sindicalista, com este princípio: "Caros camaradas a vida tornou-se insuportável, as forças estão prestes a esgotar-se... dirigimos o nosso pedido de socorro ao Proletariado Internacional: é a nossa última esperança; se não for atendido, será necessário acabar: não nos resta outra coisa que fazer. O grito dos Saccos russos pede auxílio. Entre nós sofre um dos militantes mais ativos do movimento anarquista e sindicalista, o camarada Aron Baron, mais de uma vez eleito pelo proletariado de Kieff para o soviete dessa cidade; sua sorte é terrível. Os bolchevistas fuzilaram sua companheira Fanny Baron; fuzilaram seu irmão e tentaram matá-lo a ele próprio dando tiros de espingarda na sua cela. Após terrível so-

frimento, Baron e seus camaradas de prisão exigiram que os libertassem ou matassem. Rakowsky libertou-se e, quando no departamento político em Moscou, procuravam obter passaporte, foram de novo presos e enviados para o campo de concentração de Kholmogory". Também sofrem a mesma pena os camaradas Kabas-Torask e Novozhiloff. Além desses, há 48.619 presos dos quais só a 20.016 foram instaurados processos. 10.638 exilados por ordem administrativa. Entre eles 48% são operários, 10% camponeses, 10% anarquistas, os restantes, sem partido. Dos presos 50% socialistas e 35% comunistas, 10% sindicalistas, os restantes sem partido. Não se podem registrar centenas de mortes vítimas do terror bolchevista. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilhando também das suas idéias, pensou vencer, na Itália, Don Sturzo, chefe do partido popular que se opunha à igreja católica. Foi este o primeiro golpe no sindicalismo livre. Daí em diante, os sindicatos passaram a ser instrumentos do partido bolchevista, obedecendo cegamente a um estatuto nacional. Talvez por ser amigo pessoal de Lênin, Mussolini partilh